



ENSINO DE ARTES VISUAIS EM UM CONTEXTO DE PANDEMIA: INTERLOCUÇÕES PARA O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

Fabrício Andrade¹

Ivana Rocha²

TEACHING THE VISUAL ARTS IN A PANDEMIC CONTEXT:
INTERLOCUTIONS FOR EMERGENCY REMOTE TEACHING

ENSEÑANZA DE LAS ARTES VISUALES EN CONTEXTO DE PANDEMIA:
INTERLOCUCIONES PARA LA ENSEÑANZA REMOTA DE EMERGENCIA

1 Doutor em Arte e Tecnologia da Imagem, EBA/UFMG. Professor da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). CV: <http://lattes.cnpq.br/1202424066390098>. ORC: 0000000176728725. andrade1111@yahoo.com.br

2 Mestranda PROF-ARTES EBA/UFMG. Professora na Prefeitura de Betim e Ribeirão das Neves/MG. CV: <http://lattes.cnpq.br/3632733596552441>. ORC: 0000000188409414. arte.ivana@gmail.com

RESUMO

O artigo discute o Ensino de Artes Visuais, a partir de uma escola em Betim-MG, durante a pandemia causada pelo novo coronavírus. As atividades oferecidas, em um primeiro momento, podem ser tomadas como ponto de partida para refletir sobre os desafios que estão surgindo em relação à construção do conhecimento em Arte no contexto do Ensino Remoto Emergencial. Este artigo busca retomar o debate de alguns aspectos relevantes ao Ensino de Arte, como a Abordagem Triangular, a potencialidade dos imprevistos e das experiências trazidas pelos educandos para oportunizar aprendizagens significativas, os objetos estendidos, a incitação à criação artística por meio da Arte Contemporânea, a Instalação como práxis artística levando a desconstrução de espaços e ideias no ambiente doméstico. Por fim, apresenta-se algumas distinções entre o Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância, concluindo que a interação, sobretudo, a realizada presencialmente entre os indivíduos, tem uma função central no processo de internalização do conhecimento. Os principais autores trabalhados são Antunes (2020), Pimentel (2011), Zamperetti (2021) entre outros.

Palavras-chave: Ensino de Artes Visuais; Ensino Remoto Emergencial; Arte Contemporânea; Instalação Artística; EaD.

ABSTRACT

The article discusses the Teaching of Visual Arts, from a school in Betim-MG, during the pandemic caused by the new coronavirus. The activities offered, at first, can be taken as a starting point to reflect on the challenges that are emerging in relation to the construction of knowledge in Art in the context of Emergency Remote Teaching. This article seeks to resume the debate of some relevant aspects of Art Teaching, such as the Triangular Approach, the potential of unforeseen events and the experiences brought by students to provide significant learning opportunities, extended objects, the incitement to artistic creation through Contemporary Art, Installation as an artistic praxis leading to the deconstruction of spaces and ideas in the domestic environment. Finally, some distinctions between Emergency Remote Teaching and Distance Education are presented, concluding that the interaction, especially the one carried out in person between individuals, has a central role in the process of internalization of knowledge. The main authors worked are Antunes (2020), Pimentel (2011), Zamperetti (2021) among others.

Keywords: Teaching Visual Arts; Emergency Remote Teaching; Contemporary art; Artistic Installation; EAD

RESUMEM

El artículo discute la Enseñanza de las Artes Visuales, de una escuela de Betim-MG, durante la crisis sanitaria provocada por la pandemia de la COVID-19. Las actividades ofrecidas, en un primer momento, pueden tomarse como punto de partida para reflexionar sobre los desafíos que se van planteando en relación a la construcción del conocimiento en Arte en el contexto de la Enseñanza Remota de Emergencia. Este artículo busca retomar el debate de algunos aspectos relevantes de la Enseñanza del Arte, como el Enfoque Triangular, la potencialidad de los imprevistos y de las experiencias traídas por los estudiantes para brindar oportunidades de aprendizaje significativo, los objetos extendidos, la incitación a la creación artística a través del Arte Contemporáneo, la Instalación como praxis artística que conduce a la deconstrucción de espacios e ideas en el ámbito doméstico. Finalmente, se presentan algunas distinciones entre la Enseñanza Remota de Emergencia y la Educación a Distancia, concluyendo que la interacción, especialmente la que se realiza presencialmente entre individuos, tiene un papel central en el proceso de interiorización del conocimiento. Los principales autores trabajados son Antunes (2020), Pimentel (2011), Zamperetti (2021) entre otros.

Palabras clave: Enseñanza de las Artes Visuales; Enseñanza Remota de Emergencia; Arte Contemporáneo; Instalación Artística; EaD

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta algumas interlocuções sobre aspectos relevantes do Ensino de Arte que poderiam ser consideradas no Ensino Remoto Emergencial. Além disso, traz problematizações e reflexões diante das dificuldades relatadas por professores e professoras da educação básica, de forma a contribuir com aprendizagens no Ensino de Artes Visuais. Pretende-se discutir ainda, algumas distinções entre Ensino Remoto Emergencial (ERE)³ e Educação a Distância. Tais assuntos levarão em consideração, em relação às escolas, sempre que possível: relações pessoais, conectividade e tecnologias disponíveis propostas em um contexto de ensino a distância, criado de forma emergente, entre outros.

Com as salas de aula fechadas, devido a pandemia causada pela covid-19⁴, a necessidade de novas proposições pedagógicas para um ensino remoto foi imediata. Diante de tamanha urgência, a Secretaria Municipal de Educação do município de Betim (SEMED)⁵ passou a disponibilizar, aos alunos da rede, atividades remotas como meio de seguir com o ano letivo. Essas atividades podem ser tomadas como ponto de partida para se refletir sobre os desafios que surgiram, desde então, em relação à construção do conhecimento em Arte nesse novo contexto de pandemia. Diante disso, especificamente, há que se pensar se as atividades criadas nesse estado emergencial oferecerão, de fato, fruição e experiências artísticas aos educandos. Para tanto, serão abordados alguns aspectos sobre o ensino de Artes Visuais, dando foco nas experiências a partir

3 Doravante chamado de ERE.

4 A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. O SARS-CoV-2 é um betacoronavírus descoberto em pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, China, em dezembro de 2019. Pertence ao subgênero Sarbecovírus da família Coronaviridae e é o sétimo coronavírus conhecido a infectar seres humanos. Disponível em <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus> Acesso em 19 abr. 2021.

5 Disponível em <https://sites.google.com/semmed.betim.mg.gov.br/estudabetim> Acesso em 05 jul. 2020.

da Arte Contemporânea, nos anos finais do Ensino Fundamental, na conjuntura emergencial que se convencionou chamar de *Ensino Remoto Emergencial*.

EAD E ERE: algumas distinções

Para que se tenha uma melhor apreensão sobre a realidade enfrentada pelos docentes e discentes durante o período pandêmico, é de grande importância mencionar a distinção que se convencionou fazer entre o ERE e a EaD. Segundo Antunes (2020), o que se convencionou chamar de Ensino Remoto é uma prática realizada sem planejamento prévio, o corrente improvisado feito pelas secretarias de educação municipais e estaduais com o objetivo de oferecer algum apoio pedagógico aos educandos, tendo em vista o fechamento das escolas causado pela pandemia da covid-19 e a urgência de se cumprir um calendário letivo. Ainda segundo ele, a negativa em considerar essa prática como uma forma de EaD viria da dedução de que o ensino a distância demanda um conjunto específico de elementos pedagógicos capazes de atender às necessidades do educando, através da mediação proporcionada pelos materiais didáticos adequados a esse tipo de curso e uma plataforma virtual correspondente.

Hodges *et al.* (2020) fazem uma discussão sobre a conjuntura da covid-19 e procuram apresentar algumas diferenças conceituais entre ERE e EaD. De acordo com os autores,

Muitos membros ativos da comunidade acadêmica, incluindo alguns de nós, têm debatido acaloradamente a terminologia nas mídias sociais, e “ensino remoto de emergência” surgiu como um termo alternativo comum, usado por pesquisadores de educação online e profissionais para traçar um claro contraste com o que muitos de nós conhecemos como

educação online de alta qualidade. (HODGES *et al.*, 2020, tradução nossa)⁶.

Desse modo, podemos entender que a EaD resulta de um planejamento e *design* instrucional cuidadoso cujo processo tem impacto na qualidade da instrução, além de oferecer suporte a diferentes tipos de interações. Em contrapartida, o ERE teria mais um caráter de transmissão temporária de informações, caracterizando-se como um ensino alternativo devido a circunstâncias de crise.

Antunes (2020), todavia, a partir das ideias de Vygotsky, conclui que o ato pedagógico não significa dispensar, em momento algum, a ação humana direta, aquela que pressupõe a intervenção direta dos sujeitos. Na mesma linha, Monroe (2018) faz esse destaque, reforçando a tese de Vygotsky, segundo a qual a interação, sobretudo, a realizada presencialmente entre os indivíduos, tem uma função central no processo de internalização do conhecimento. Sendo assim, retomando Antunes (2020), “A EaD não se caracteriza apenas por possuir uma forma específica de organização curricular ou de utilização das mídias digitais de massa” (ANTUNES, 2020, p. 28), ora, ela não prescinde da interação enquanto busca construir conhecimentos junto a seus educandos, bem como o ERE, o qual exige, além de interação, a apresentação dinâmica dos conteúdos através das mídias. Então, reduzir a experiência pedagógica, enquanto prática social, a mero acesso a conteúdos, através da chamada mediação pelas mídias, quer sejam digitais ou impressas, por si só, não é capaz de substituir o ato pedagógico contido no trabalho docente na condução do processo ensino-aprendizagem, ainda que isso ocorra por meios distintos do presencial. Assim,

⁶ Many active members of the academic community, including some of us, have been hotly debating the terminology in social media, and “emergency remote teaching” has emerged as a common alternative term used by online education researchers and professional practitioners to draw a clear contrast with what many of us know as high-quality online education (HODGES *et al.*, 2020).

É neste sentido, portanto, que consideramos incabível tentar estabelecer uma distinção real em termos teóricos, entre a EaD e o ensino remoto, pois o segundo é simplesmente uma versão do primeiro realizada de forma bruta sem o romantismo do primeiro (ANTUNES, 2020, p. 28).

E, apesar das dificuldades de um Ensino Remoto, não poderíamos dizer que houve uma aproximação social permitida pelas tecnologias? Não é essa aproximação, um dos principais elementos que caracteriza a escola: ser um espaço de compartilhamentos, saberes e práticas? A pandemia, gerada pelo novo Coronavírus, possivelmente, estabelecerá novos parâmetros educacionais, a partir dos quais a escola discutirá o saber tecnológico como eixo de aprendizagem, bem como, formas de se preparar para contextos em que a presença física poderá ser dispensada em algumas propostas didáticas criadas e pensadas para esse fim, mesmo no nível da educação básica.

Desde que foi normatizada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/ 96 e oficializada por meio de diversos decretos, a EaD vem crescendo no Brasil. As principais modalidades oferecidas a distância são: educação fundamental de jovens e adultos (EJA), ensino médio, educação profissional de nível técnico, graduação, pós-graduação, mestrado e doutorado. De acordo com o Censo da Educação Superior 2019, divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e pelo Ministério da Educação (MEC), em 2019, o número de ingressantes nos cursos de EaD de ensino superior representou 43,8% do total de estudantes. Em contraponto, correspondiam a 16,1% do total de calouros, em 2009. Nessa última década (2009 – 2019), o número de matrículas em cursos a distância aumentou 378,9%. A tendência de crescimento da EaD se confirma, a cada ano, na educação superior brasileira. Já em uma busca para cursos de especialização a distância ligados a palavra Arte(s), foram encontrados,

aproximadamente, 900 denominações, sem considerar as denominações específicas para teatro, dança, música, cinema e audiovisual.

Segundo Barroso (2010), o surgimento de cursos de graduação e pós-graduação nas áreas de Arte trouxe consigo questões em relação à qualidade dos cursos e “Isto ocorre devido a inevitável comparação com os cursos presenciais de Artes que, por sua vez, são tão caracterizados pela criação de obras artísticas, utilização de diversos materiais, manipulação de instrumentos e pela subjetividade presente na relação com as artes” (BARROSO, 2010, p. 45). Nesse sentido, Mugnol (2009) acrescenta que, em nosso país, a oferta de cursos a distância, por meio de correspondência, era destinada às camadas sociais menos privilegiadas economicamente cuja preocupação estava focada na educação básica e em capacitação para o trabalho. Em função disso, a EaD traz, para os dias atuais, o preconceito de se fazer um curso à distância, uma vez que o estigma de ter sido, a princípio, um ensino destinado exclusivamente às massas a desprestigia. Entretanto, para se alcançar o entendimento de um ensino em EaD de qualidade, devem ser consideradas algumas características próprias dessa modalidade de ensino às quais a diferenciam do ERE.

Barros *et al.* (2018) evidenciam os principais aspectos positivos e negativos atribuídos a EaD. Os resultados foram organizados nas seguintes tabelas (Tabela 1 e Tabela 2).

Tabela 1: Principais aspectos positivos citados

Aspecto positivo	Autor citado
Velocidade e abrangência de ensino pelas mídias eletrônicas.	OYAMA, 2011; ANDRADE; OLIVEIRA, 2017.
Flexibilidade e personalização do modelo de ensino.	CAREGNATO; MOURA 2003, NEVADO, 2007; SAT-LHER, 2008; SOUZA; 2016.
Possibilidade de ensino sem a presença física entre aluno e professor.	CHAVES, 1999; PONTES et al., 2011.
Minimização de deslocamentos	CAREGNATO; MOURA 2003, AMORIM, 2012; NASCIMENTO et al., 2013.
Maior possibilidade de inclusão	LITTO, 2011.
Facilidade de acesso, economia de tempo e ritmo individual de ensino	BAGGIO, 2006
Aprendizagem ativa e autonomia	CAREGNATO; MOURA 2003, RAMOS et al., 2014
Potencial para inovação	OYAMA, 2011.
Facilidade de interação e participação	NASCIMENTO et al., 2013.
Menor custo financeiro	HERMINDA, 2006.
Inovação	OYAMA, 2011.

Fonte: Barros et al., 2018, p. 43.

Tabela 2: Principais aspectos negativos citados

Aspecto negativo	Autor citado
Imediatismo	OYAMA, 2011; MAGNONI; MIRANDA, 2012,
Superficialidade	LANIER, 2010; OYAMA, 2011
Isolamento social	FREIRE, 1996; LEVY, 2000; ANDRADE; OLIVEIRA, 2017.
Distância entre aluno e professor	CHAVES, 1999; BELLONI, 2002; SOUZA, 2016.
Dificuldade de identificação das necessidades dos alunos pelos professores	BELLONI, 2002
Falta de preparo dos docentes	HELENA et al., 2013; TORRES; TORRES, 2017
Falta de acesso e dificuldade de utilização das tecnologias	CHAVES, 1999; CAREGNATO; MOURA, 2003.
Ausência de atualizações dos programas pelas instituições	PONTES et al., 2011
Baixo prestígio	NASCIMENTO et al., 2013
Falta de preparo na organização dos projetos pilotos, ausência de divulgação dos projetos, descontinuidade dos programas sem prestar esclarecimentos.	HERMINDA, 2006
Deficiência nos processos avaliativos	HERMINDA, 2006
Falta de comprometimento dos alunos	CAREGNATO; MOURA, 2003; ANDRADE; OLIVEIRA, 2017.
Dificuldade de discussão	CAREGNATO; MOURA, 2003

Fonte: Barros et al., 2018, p. 43.

Barros *et al.* (2018) concluem que o potencial positivo do ensino a distância é concreto, o que faz desse modelo uma realidade no país. É claro que alguns ajustes são necessários, não só com o intuito de aumentar a qualidade, como também sua aceitação. Há que se observar um equilíbrio entre os aspectos positivos e negativos, já que a EaD pode ser considerada uma ferramenta importante nos dias atuais.

Referindo-se especificamente ao Ensino de Arte à distância, Santos (2007) elenca alguns pontos primordiais para se fazer uma EaD em Arte de qualidade, sendo alguns exemplos, entre outros: educadores artísticos preparados para EaD; tecnologia adequada à área; materiais didáticos de apoio; mídia de armazenamento das aulas disponível ao final de cada disciplina; produção e avaliação continuada de criação em cultura digital; conhecimentos de sistemas operacionais e de edição de imagem e de texto; plantão de dúvidas via sistemas populares de interação online; biblioteca audiovisual. Barroso (2010) atualiza a lista de Santos (2007) acrescentando os seguintes pontos: AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem); Moodle (Ambiente de Aprendizado Modular Orientado ao Objeto); museu virtual; desenho artístico com mesa digitalizadora e encontros presenciais.

O ERE não ofertou grande parte das características apresentadas para uma EaD de qualidade, quer seja em Arte ou não. Contudo, o docente segue com seu papel primordial, que é oferecer um ensino de qualidade, agora, mediado pelas tecnologias de informação e comunicação.

Caberefler que o espaço virtual também é um espaço de aprendizagem escolar, evitando-se compará-lo ao ensino presencial. Embora sejam espaços diferentes de aprendizagem, eles podem conviver e até interagir, sem que, necessariamente, um substitua o outro. Aliás, pensando em termos de pandemia, a EaD passou a ter um papel fundamental, já que não podemos ir à escola.

ASPECTOS RELEVANTES AO ENSINO DE ARTE: uma adequação ao Ensino Remoto

Dentre aspectos pertinentes ao Ensino de Arte, como a relevância da contextualização das investigações e a necessidade constante de contato com objetos diversos, inicialmente se abordará alguns dos quais pode-se considerar também essenciais para o trabalho em sala de aula. Logo, destaca-se como exemplos a potencialidade dos imprevistos e das experiências trazidas pelos educandos para oportunizar aprendizagens significativas, a incitação à criação artística por meio da Arte Contemporânea e a Instalação como práxis artística levando a desconstrução de espaços e ideias no ambiente doméstico. Por conseguinte, se observará o pressuposto explicitado por Pimentel (2011), de que “É preciso que o professor considere que teoria não é só o que os outros autores dizem ou escrevem, mas também o que ele próprio pensa sobre sua prática, discute e registra, revendo e renovando constantemente” (PIMENTEL, 2011, p. 766), uma vez que o dia a dia da prática docente fornece, entre outros, meios para a renovação das práticas pedagógicas.

No decorrer de um processo de docência, observa-se que lecionar o conteúdo Arte, no Ensino Fundamental, pode ir de encontro com as necessidades dos educandos, seus valores, seus interesses e seu desenvolvimento. Nesse sentido, pode-se conceber, por exemplo, um currículo apoiado em três ações bases: o fazer artístico, a contextualização e a fruição da obra de Arte. É o que se observa na Abordagem Triangular⁷, uma das propostas para o Ensino das Artes Visuais entre outras, já consolidada por Ana Mae Barbosa. Entende-se que é possível articular e

⁷ A Abordagem Triangular surgiu do diálogo entre o discurso pós-moderno e o processo consciente de diferenciação cultural, também pós-moderno, contudo, só foi sistematizada entre os anos de 1987 e 1993. Essa proposta vem designar ações como componentes curriculares: o fazer, a leitura e a contextualização, são ações básicas, as quais se aplicam a estudar o conhecimento humano no que diz respeito aos elementos do ensino e aprendizagem em Arte.

não disciplinarizar as três ações bases para a construção de conhecimento. Segundo Rizzi (2008),

A Abordagem Triangular permite uma interação dinâmica e multidimensional entre as partes e o todo e vice-versa, do contexto do ensino da arte, ou seja, entre as disciplinas básicas da área, entre as outras disciplinas, no inter-relacionamento das três ações básicas: ler, fazer e contextualizar e no inter-relacionamento das quatro ações decorrentes: decodificar, experimentar, refletir e informar (RIZZI, 2008, p. 345).

A Abordagem Triangular apresenta, pois, uma estrutura aberta e favorável à interação. No decorrer de uma aula, surgem elementos imprevistos, que contribuem e desafiam o processo de ensino e aprendizagem, como as escolhas dos educandos, suas interferências e opiniões divergentes, o diálogo e a inclusão da incerteza dos resultados das atividades em curso. Esses elementos, de acordo com Rizzi (2008), podem contribuir para o Ensino de Arte, não só no que se refere ao processo de aprendizagem dos educandos, mas também com a elaboração de novas práticas pedagógicas por parte dos educadores. O Ensino Remoto não se mostra diferente, aliás, os imprevistos parecem mais suscetíveis de acontecer, por exemplo, em razão de pesquisas realizadas instantaneamente em sites de busca ou plataformas de compartilhamento de vídeos. Através dessas eventualidades, entre outras, o professor também aprende enquanto ensina, premissa esta pela qual Paulo Freire (1997) é comumente citado por sua obra. Assim, no processo de ensino e aprendizagem, professores e educandos estabelecem relações nas quais, juntos, constroem conhecimento.

Do ponto de vista de Pimentel (2011), isso significa que é possível existir um diálogo entre as propostas elaboradas pelo educador e o respeito ao conhecimento trazido pelos estudantes. A experiência estética já é apreciada por nosso aluno antes mesmo que ele entre para a escola.

Portanto, é importante incluir, no planejamento das aulas, não só obras de arte consagradas, como também outras manifestações culturais como o artesanato, a arte popular, a arte de mídia eletrônica, entre outras que podem ser apresentadas pelos e/ou aos alunos, próprias de seus grupos sociais. Um professor atento pode se utilizar dessas manifestações artísticas e culturais do universo do educando para também construir o conhecimento em Arte.

Provavelmente, grande parte da experiência estética dos educandos está baseada na veiculação e manipulação excessiva de imagens. Na sociedade contemporânea, há um excesso de informações que nos são transmitidas por meio de imagens (ideias, conceitos, entretenimento, slogans políticos, venda de produtos etc.), as quais tentam influenciar o nosso comportamento. De acordo com Barbosa (1998), a escola deveria proporcionar o desenvolvimento dos educandos para realizar a apropriação da imagem, o que se torna ainda mais relevante se levarmos em conta que o Ensino Remoto se valeu principalmente da mídia eletrônica para desenvolver emergencialmente sua produção através de teleaulas, videoaulas, apresentações por slides, dentre outras.

Com relação às imagens que permeiam o cotidiano dos estudantes, Andrade (2014) aponta a necessidade de uma percepção questionadora dos Objetos Estendidos⁸, visto que, por nos rodearem massivamente, requerem apropriações e percepções, bem como diversas formas de abordagem. Sendo assim, a partir da proposição do Objeto Estendido, Andrade (2014) traz a importância do educador em Arte oferecer ao educando a oportunidade de um universo de vivência e contextualização, bem como de compreender os sentidos dos objetos artísticos de forma significativa. O objeto expressivo, fonte de conhecimento e informação, assume papel primordial para a colaboração da percepção do mundo

8 Andrade (2014) apresenta como objeto estendido “Todo e qualquer objeto de criação e proposições expressivas humanas que se tornam intencionais e suscitam redes culturais complexas de contextualização por comparação ou analogias a outras formas e proposições expressivas” (ANDRADE, 2014, p. 46).

exterior aos veículos de massa. A experiência proporcionada no ambiente educacional, por meio desses objetos, pode se tornar um espaço de vivências críticas e formadoras de opiniões.

Em virtude da experiência estética de nossos educandos baseada na larga oferta de imagens presentes em nosso cotidiano, torna-se, pois, importante despertar habilidades cognitivas para a apropriação mais crítica das imagens. Essas mesmas habilidades se estendem em relação à percepção, também, da Arte Contemporânea. Aliás, conhecer a Arte do nosso tempo é pertinente, sobretudo, porque nos faz refletir sobre as questões sociais, políticas e humanas atuais. E, especialmente, no Ensino Remoto, será importante se valer de tais habilidades e do que a própria Arte Contemporânea pode proporcionar.

O ERE pode vir a ser, desse modo, um ambiente virtual capaz de contribuir para o ensino e aprendizagem dos educandos em Arte Contemporânea, bem como incitar a criação artística. A Arte Contemporânea absorve e constrói o espaço a sua volta, ao mesmo tempo que o desconstrói. Nesse sentido, Imbroisi e Martins (2021) citam a Instalação como práxis artística que se apropria dessa desconstrução de espaços, conceitos e ideias para se afirmar enquanto obra. Segundo Koneski (2009), a Arte Contemporânea se apresenta com conceitos pouco definidos dentro da sociedade atual caracterizando-se como uma arte que não prevê resultados, “É se ela enriquece nossa vida, não é porque nos oferece saídas, mas, ao contrário, porque problematiza nossa relação com a realidade e apresenta muito mais perguntas do que respostas” (KONESKI, 2009, p. 73). Então, por que não levar os educandos à desconstrução de espaços e ideias, dentro de suas residências, junto a suas famílias?

A Arte Contemporânea apresenta características favoráveis ao trabalho no Ensino Remoto à medida em que proporciona o abandono dos suportes tradicionais, a utilização de materiais inusitados, a incorporação de tecnologia e novas mídias, a fusão entre os conceitos de arte e vida, a aproximação com a cultura popular, a interação da família com a obra do

educando, a efemeridade da obra etc. Assim, através do ERE, o professor pode oferecer não só ao educando, mas, talvez, a sua família também, um caminho para compreender o pensamento e as manifestações culturais da sociedade atual.

A título de exemplo, algumas dessas características podem ser encontradas no trabalho da artista plástica Leda Catunda. No documentário *Quem Tem Medo de Arte Contemporânea* (2008) exemplifica-se tais possibilidades, através da descrição que a própria artista faz de um determinado período de sua obra. Catunda (2008) afirma,

Mais recentemente tenho usado uma técnica de imprimir as fotografias no *voile*. Então, além dos materiais que eu encontro, como os tecidos, plásticos e outras coisas estampadas, agora eu uso também as imagens que eu mesma fotografo e são impressas em tecido. Eu junto todos esses tecidos para fazer a base da minha pintura, muitas vezes com costura, e recorto em formas orgânicas, de modo que o trabalho fica entre a pintura e o objeto (QUEM TEM MEDO DE ARTE CONTEMPORÂNEA, 2008).

O que antes era usado de forma isolada, hoje é utilizado de forma híbrida. De acordo com Loyola (2016), a tecnologia vem permitir a unificação de várias linguagens em um só espaço, diminuindo os limites entre os suportes. Nessa mesma direção, Veneroso (2008) ressalta que “Os fortes traços conceituais nas obras de arte contemporânea, paralelamente ao uso cada vez maior das novas tecnologias na arte, também são evidentes” (VENEROSO, 2008, p. 65). A Arte Contemporânea costuma provocar intensas inquietações acerca do próprio conceito de Arte. Conforme Andrade (2014), “Atualmente, a palavra arte mais abrange que especifica” (ANDRADE 2014, p. 26), e costuma gerar perturbações no que tange a seus conceitos, os quais perpassam o próprio público. De modo geral, as manifestações artísticas dos séculos XX e XXI surgem,

sobretudo, como um vasto campo de possibilidades que se materializam através da criação artística.

De maneira análoga, o ERE estabeleceu-se causando efeitos de inquietação e indefinição. No entanto, o ERE possui vasto campo de possibilidades, principalmente em razão da tecnologia e daqueles que a utilizam. Para Andrade (2014), a contemporaneidade, através dos avanços tecnológicos, possibilitou um maior contato entre os artistas e suas premissas diversas. Segundo Maciel e Rocha (2020), “Os artistas contemporâneos se mostram motivados na exploração de diversas linguagens artísticas, abrindo espaço para diversos processos poéticos, e isso se dá, também, pelo leque de possibilidades que a tecnologia vem oferecer” (MACIEL; ROCHA, 2020, p. 2633). Tanto educadores como educandos podem atuar no ERE, criando e recriando estratégias de interação, as quais se incorporam não só às suas práticas diárias, como se replicam e acrescentam recursos às plataformas de ensino.

Dessa maneira, é possível se valer da experiência artística dos educandos, bem como dos aparatos tecnológicos, na construção de práticas pedagógicas coerentes com a vida contemporânea. E, diante do contexto de ERE, o professor pode promover, no espaço doméstico e familiar dos educandos, experiências artísticas a partir do estudo da Arte Contemporânea. Dessa forma, na busca pela realização de atividades significativas, o educando será concebido como sujeito social e cultural. Ressalta-se aqui a importância das especificidades e individualidades oriundas de situações econômicas, familiares, culturais e afetivas diversas. De modo que se possa considerar seus lares, relações pessoais, conectividade e tecnologias disponíveis propostas em um contexto de ensino a distância.

ENSINO REMOTO EMERGENCIAL: dificuldades relatadas por professores da educação básica

Desde a segunda quinzena do mês de março de 2020, diversos decretos, de esferas federal, estadual e municipal, foram publicados, a fim de dispor sobre medidas temporárias de prevenção ao contágio e enfretamento da pandemia causada pela covid-19. Dentre as políticas de isolamento social, foram suspensas as aulas presenciais na rede pública e privada, mudando de forma drástica o cotidiano das comunidades escolares, as quais não tiveram ainda a sua *normalidade* restaurada. No que tange a realidade de Betim-MG, cerca de dois meses depois, uma equipe da Secretaria Municipal da Educação de Betim – SEMED passa a preparar e disponibilizar, a título de sugestão, atividades remotas, que podiam ser acessadas através do site oficial. Tais atividades foram construídas para todos os níveis educacionais, inclusive, portanto, para o Ensino Fundamental II.

Porém, uma iniciativa de capacitação dos professores para lidar com o Ensino Remoto iniciou-se somente em 2021, através do curso de Formação Básica para o Uso das Tecnologias, no intuito de que o profissional desenvolvesse habilidades de mediação tecnológica que possibilitassem o seu exercício profissional em ambientes virtuais⁹. A condição de isolamento social revela, pois, as deficiências do sistema educacional público de alguns municípios. Zamperetti (2021) afirma que “Uma pesquisa realizada pela UNESCO, UNICEF e Banco Mundial mostrou que apenas metade dos países pesquisados proporcionou a seus professores formação em educação a distância” (ZAMPERETTI, 2021, p. 43). Entretanto, Arruda (2020) nos mostra um crescimento no

9 A convocação dos professores da rede municipal de Betim, para assumirem o preparo e as postagens das atividades remotas deu-se 30 de setembro de 2020. O convite para a capacitação deu-se em 07 de junho de 2021 e o acesso por meio da plataforma EaD <http://ead.semed.betim.mg.gov.br/moodle/>

acesso a equipamentos microinformáticos e à internet por grande parte de professores e alunos. Contudo, não se pode afirmar que o ambiente educacional tenha investido no desenvolvimento das tecnologias digitais. Segundo ele, “Pouco tem se modificado nos espaços de infraestrutura e nas formações de professores, sobretudo, no Brasil” (ARRUDA, 2020, p. 1).

Muitas escolas têm enfrentado dificuldades em razão do ERE e há problemas que são compartilhados por diversos conteúdos. São dificuldades de acesso à internet e de utilização das TDICS (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação), obstáculos para o contato com os estudantes, os quais nem sempre podem se comprometer, além da insuficiência de preparo do corpo docente para adaptar as atividades para o Ensino a Distância (EaD), entre outros, conforme aponta Barros Júnior, *et al* (2021). No entanto, há uma conjuntura específica no que tange ao Ensino de Arte: não poderiam as dificuldades mencionadas contribuir para práticas superficiais e pouco empenhadas em um trabalho para a construção do conhecimento em Arte?

De acordo com Zamperetti (2021), o Ensino de Arte remoto expõe dificuldades relatadas por parte dos seus professores, a autora afirma que,

Quanto ao Ensino de Artes Visuais remoto é possível observar que se encontra no entremeio desta problemática anunciada, compactuando com as dificuldades e desafios da maioria dos professores, porém com especificidades – as materialidades são reduzidas, as propostas são enxutas, os acessos são limitados, as interações distantes – desta forma, muito do outrora desenvolvido pelos professores, hoje se torna verdadeiramente remoto (ZAMPERETTI, 2021, p. 50).

Algumas práticas superficiais, elaboradas apenas com intuito de cumprir o conteúdo programático, poderiam, portanto, abrir um precedente

para que o ERE, criado às pressas para atender uma emergência, dê margem a um retrocesso, tornando o trabalho remoto dessa disciplina um passatempo? Conforme Arruda (2020), inúmeros países implementaram, subitamente, tecnologias digitais nos processos educativos, em meio às lacunas formativas dos docentes e de desigualdades sociais. Segundo Arruda (2020), o fechamento das escolas chegou a 90% de isolamento físico de alunos em todo o mundo, algo nunca visto antes. O ERE, imposto pela situação da pandemia, é vivenciado por vários educadores e educandos pela primeira vez. Muitos dos professores nunca passaram por algo assim, não escolheram essa situação nem tiveram formação sobre o que fazer ou como fazer. Os ajustes inesperados, as desigualdades de acesso às tecnologias, as rotinas diversas de dentro das residências de alunos e de professores dificultam o ensino e a aprendizagem. Aliás, conforme já afirmava Nóvoa (1999), as dificuldades na educação estão sempre presentes. Dificuldades e desafios não são novidade para a educação neste século, sobretudo, no contexto brasileiro.

O ERE foi a alternativa viável para as escolas que se viram frente ao dilema de cumprir o calendário escolar, adaptando sua carga horária ao tempo e modelo a ele apropriados. Conforme aponta Paz (2020), “A adaptação repentina por causa da pandemia do coronavírus chegou a ser realizada em apenas dias” (PAZ, 2020, p. 1), embora docentes, discentes e suas famílias, as quais também estariam inclusas nessa adaptação para o ERE, não estivessem preparados para o ensino em casa. De fato, o que tivemos no início do ano letivo de 2020, em nosso país, em virtude da pandemia, não foi a preparação para um Ensino a Distância pensado especialmente para a educação básica. Segundo Antunes (2020),

No que diz respeito à pauta específica da educação, a manifestação mais sensível dos impactos do coronavírus no Brasil se observa na pressão encontrada em todos os entes federativos e em todas as etapas da educação básica e superior pela implantação massiva do que se convencionou

chamar de Educação à Distância (EaD) (ANTUNES, 2020, p. 16).

Foi grande o incômodo, por parte do poder público, diante da necessidade de se oferecer uma alternativa para retomar o ensino, uma vez que a pandemia se prolongava indefinidamente e, já se observava alguma cobrança da sociedade, não somente para que os educandos não ficassem ociosos durante a quarentena, como também para garantir que não perdessem o ano letivo de 2020.

Ainda de acordo com Antunes (2020), alguns líderes de governos e grupos como Todos Pela Educação (TPE), além de grupos de sindicatos, queriam comparar ou referenciar algumas práticas dos cursos de EaD, já formalizados para a graduação e pós-graduação, em relação ao ERE. No entanto, pode-se dizer que, para o Ensino Superior, muito já se discutiu sobre as especificidades da abordagem educacional na Arte. Aliás, para Barroso (2010), tais estudos e reflexões a esse respeito é o que orienta os Arte/Educadores e Educadores, principalmente os que atuam em EaD, a utilizarem os recursos e tecnologias da informação e da comunicação de modo a direcionar os eixos pedagógicos para alcançar a excelência em qualidade no Ensino de Artes em EaD. Não basta a simples noção dessas ações, “Para tanto, seguramente o caminho, será a capacitação adequada e continuada de professores, a educação midiaticizada e o uso didático de recursos da cultura visual digital” (BARROSO, 2010, p. 50). A mesma autora afirma que,

Numa abordagem educacional da arte em EAD podemos perceber que, mesmo com todas as possibilidades, e características, que apresentamos e defendemos aqui como positivas para o uso em educação à distância, em nada resultaria se não tivéssemos boas ações didáticas e bons recursos técnicos interativos e viabilizações nesta modalidade (BARROSO, 2010, p. 48).

Já o que se chama de ERE viria a ser resultado de uma prática cujas principais características seriam o ritmo acelerado e o improvisado. No intuito de atender as demandas imediatas da educação que surgiram com o fechamento das escolas, causado pela pandemia da covid-19, as Secretarias de Educação de estados e municípios, ainda que sem planejamento prévio ou preparo adequado, procuraram disponibilizar algum tipo de apoio pedagógico aos estudantes. A princípio, em razão da quarentena, mais adiante, com o prolongamento da pandemia, com vistas a cumprir o calendário letivo de 2020.

Somente após um ano de pandemia, as capacitações foram oferecidas pela SEMED de Betim-MG, a seus profissionais, no que se refere ao Ensino a Distância. Para as ferramentas que foram disponibilizadas, como e-mail institucional e Google Drive, os professores contaram apenas com algumas orientações. Sendo assim, em sua maioria, sem capacitação para o Ensino a Distância, se viram diante de tecnologias e recursos desconhecidos, os quais precisaram aprender a dominar sozinhos, em poucos dias, em suas residências, com recursos próprios. De acordo com Zamperetti (2021, p. 39), “A utilização das TDICS¹⁰ ocorrem por iniciativas próprias de alunos e professores, além de outras exigências externas (institucionais, governamentais).” E acrescenta-se a esse contexto o fato da sala de aula ter se deslocado para os lares e, desta forma,

Alunos e professores têm suas vidas invadidas pelas tecnologias – câmeras, microfones, smartphones e notebooks competem por minutos e horas nos entremeios das panelas, colchões, pijamas e banheiros. No esforço para a manutenção de um [novo] espaço para o ensino e a aprendizagem concorrem os desafios para ambos (ZAMPERETTI, 2021, p. 41).

10 Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação.

Mas, enquanto educadores, permanece o desafio de tentar manter as relações com estudantes sem compartilhar do mesmo espaço físico. Seria prudente levar em consideração que a mudança das aulas, que antes eram realizadas no espaço da escola e que agora acontecem em espaços diversos, traz influências importantes sobre o processo de ensino e de aprendizagem. Temos como exemplo o estudo qualitativo realizado por Lima *et al.* (2020), que nos revela que poucos educandos têm acesso a internet e a suas tecnologias, ampliando desigualdades. Além disso, o mesmo estudo ainda revela que os educandos avaliaram a sua aprendizagem como regular ou até mesmo insatisfatória. Segundo Lima *et al.* (2020),

Tal fato pode ter relação com as dificuldades relatadas pelos alunos como falta de motivação e de um local adequado para estudar, gerando uma maior dificuldade de compreensão e assimilação dos conteúdos, além da deficiência de explicação dos assuntos, bem como, ausência de um planejamento e organização dos horários de estudos (LIMA *et al.*, 2020, p. 7).

Retomando as ponderações de Barbosa (2005), há o risco do fazer artístico se tornar apenas a execução de uma tarefa, a qual, para ser cumprida, o professor poderia recorrer a atividades de mera reprodução, como a representação fiel de uma determinada obra, por exemplo. Esse tipo de prática costuma contribuir para a falta de motivação, uma vez que, “Repetir ou treinar habilidades que nada significam para o aluno não promove, portanto, aprendizagem” (PIMENTEL, 2011, p. 768). Torna-se relevante, portanto, insistir na Abordagem Triangular, visto que ela se mostra uma alternativa para a construção do conhecimento em Arte, também nesse contexto de ERE. Assim, a partir da Arte Contemporânea, por exemplo, essas propostas didáticas possam abrir espaço para diversos processos poéticos através dos quais se dará a aprendizagem efetiva dos educandos.

CONCLUSÃO

Ao propor discussões sobre o Ensino da Arte em um contexto de Ensino Remoto Emergencial, este artigo buscou ser um espaço de reflexão crítica a partir de alguns elementos considerados primordiais para o ERE e de autores que já debatem a respeito das questões nele envolvidas.

Parece evidente que a postura do educador capaz de favorecer tanto a aprendizagem significativa de seus educandos quanto a evolução de sua prática pedagógica se caracteriza pela flexibilidade e pelo diálogo. A Abordagem Triangular, por ser uma estrutura aberta e favorável à interação entre aluno e professor se mostra uma alternativa para a construção do conhecimento em Arte também nesse contexto de ERE.

Outros aspectos que também foram considerados primordiais são: a potencialidade dos imprevistos e das experiências trazidas pelos educandos para oportunizar aprendizagens significativas; o papel primordial dos objetos estendidos como fonte de conhecimento e informação, dos quais a experiência proporcionada no ambiente educacional, podem se tornar espaços de vivências críticas e formadores de opiniões; a incitação à criação artística por meio da Arte Contemporânea; e a Instalação como práxis artística levando a desconstrução de espaços e ideias, dentro das residências dos educandos. O trabalho permeado por esses elementos pode abrir espaços para diversas práticas artísticas através das quais se dará a construção de conhecimentos e, desse modo, aprendizagens significativas para educadores e educandos.

Importante também ratificar que existem diferenças entre o ERE e a EaD, uma vez que seria prejudicial uma tentativa de adaptação e de transposição de uma EaD, já consolidada para o Ensino de Arte, para ambientes de aprendizagem cuja distância se efetiva em um caráter emergencial, tendo como público a educação básica, o que, necessariamente, implica uma mudança dos objetivos, dos materiais

didáticos, dos saberes e do uso das tecnologias e mídias digitais adequadas para o processo de ensino e de aprendizagem. Está evidente que tal situação exige formação, preparo e estratégias específicas para os docentes, os quais, dadas as circunstâncias de um cenário de pandemia vivenciado em nosso país, embora não possam contar com a maneira mais adequada de se prepararem, seguem, na busca por soluções.

O potencial positivo do ensino a distância é concreto, o que faz desse modelo uma realidade no país. É claro que alguns ajustes são necessários, contudo, o ERE não ofertou grande parte das características apresentadas para uma EaD de qualidade, seja em Arte ou nos demais conteúdos curriculares da educação básica.

O presente artigo representa um esforço, no sentido de contribuir para a construção do conhecimento em Arte, por meio de reflexões significativas, as quais possam contribuir na busca de melhores alternativas e metodologias de ensino adequadas a este momento para, enfim, oferecer em suas práticas, de fato, fruição e experiências artísticas aos educandos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Fabrício. **Arte/ Educação: paradigmas do século XXI**. São Paulo: Annablume, 2014.

ANTUNES, Charlles da França; COUTO, Marcos Antônio Campos; FRANÇA FILHO, Astrogildo Luiz de. Alguns apontamentos para uma crítica da educação a distância (EaD) na educação brasileira em tempos de pandemia. **Revista Tamoios**, São Gonçalo (RJ), ano 16, n. 1, Especial COVID-19, p. 16-31, mai. 2020. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/50535/33468>> Acesso em: 21 mar. 2021.

ARRUDA, Eucidio Pimenta. Educação, educação a distância e tecnologias digitais: perspectivas para a educação pós-Covid-19. **Pensar a Educação em Revista**, *EaD no Brasil: atualidade e perspectiva*, ano 6, vol. 6, n. 1, mar-mai. 2020. Disponível em <http://pensaraeducacaoemrevista.com.br/wp-content/uploads/sites/4/2020/06/Texto_n.1_2020_EaD.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2021.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/ Arte, 1998.

BARBOSA, Ana Mae. Releitura, citação, apropriação ou o quê? In: BARBOSA, Ana Mae. (Org.). **Arte/ educação contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005.

BARROS JÚNIOR, Mário Carlos de; CORTELLI, Andreia Ferreira Diniz; FERNANDES, Wendel Simões; LAPENA, Simone Aparecida Biazzi de; MIRANDA, Priscila Ebram de. Educação a distância: principais aspectos positivos e negativos. **Revista Brasileira de Educação e Saúde**, Pombal (PB), v. 8, n. 4, p. 41-47, out/ dez. 2018. Disponível

em: <https://www.researchgate.net/publication/330879244_Educacao_a_distancia_principais_aspectos_positivos_e_negativos/fulltext/5c598df2a6fdccb608a978b4/Educacao-a-distancia-principais-aspectos-positivos-e-negativos.pdf> Acesso em: 08 mar. 2021.

BARROSO, Marcella. O ensino de Artes na educação a distância: reflexões, benefícios e limites. **Revista Intersaberes**, Curitiba, ano 5, n. 9, p. 42-58, jan/ jun 2010. Disponível em: <<https://www.uninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/viewFile/161/128>> Acesso em: 24 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **O que é a Covid-19?** 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>> Acesso em: 19 abr. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **E-Mec Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior** 2021. Disponível em: <<https://emec.mec.gov.br/>> Acesso em 14 nov. 2021.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não**. Cartas a quem ousa ensinar. 10. ed. São Paulo: Olho D'Água, 1997.

HODGES, Charles *et al*. The difference between emergency remote teaching and online learning. **EDUCAUSE Review**, 2020. Disponível em: <<https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning>> Acesso em: 03 jul. 2021.

IMBROISI, Margaret; MARTINS, Simone. **Instalação. História das Artes**, 2021. Disponível em: <<https://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-seculo-20/instalacao/>> Acesso em: 09 nov. 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo Escolar**, 2019. Brasília: MEC, 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-da-educacao-superior/ensino-a-distancia-se-confirma-como-tendencia>> Acesso em: 14 nov. 2021

KONESKI, Anita Prado. A estranha “fala” da Arte Contemporânea e o Ensino da Arte. **Revista Palíndromo 1**. Universidade do Estado de Santa Catarina, CEART/UEDESC. Disponível em: <https://www.ufjf.br/posmoda/files/2008/07/Texto-01_A-Estranha-fala.pdf> Acesso em: 02 nov. 2021.

LOYOLA, Geraldo Freire; PIMENTEL, Lucia Gouvêa. **Professor-artistaprofessor: materiais didático-pedagógicos e ensino-aprendizagem em Arte**. (Doutorado em Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

MACIEL, Artur Luiz de Souza; ROCHA, Ivana. Dispersões-Weiwei: contribuições poéticas dos trabalhos de Ai Weiwei para o ensino de arte. **29º Encontro Nacional da ANPAP: Dispersões**, 2020. [recurso eletrônico]. RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; ROCHA, Cleomar (Orgs). Goiânia: Anpap, 2020. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2020/pdf/Ivana_Rocha_e_Artur_Luiz_de_Souza_Maciel_ANPAP_2020_ArtigoFinal-238.pdf> Acesso em: 18 set. 2021.

MONROE, Camila. Vygotsky e o conceito de aprendizagem mediada. **Nova Escola**, mar. 2018. Disponível em <<https://novaescola.org.br/conteudo/274/vygotsky-e-o-conceito-de-aprendizagem-mediada>> Acesso em: 15 out. 2021.

MUGNOL, Marcio. A educação a distância no Brasil: conceitos e

fundamentos. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 9, n. 27, p. 335-349, mai/ago. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/3589/3505>> Acesso em: 22 mar. 2021.

NOVOA, A. (Org.). **As organizações escolares em análise**. Lisboa: Dom Quixote, 1999.

PAZ, Iolanda. Desafios do ensino remoto na pandemia. **Revista Babel**, jun. 2020. Disponível em: <<http://www.usp.br/babel/?p=168>> Acesso em: 04 mai. 2021.

PIMENTEL, Lúcia. **Novas territorialidades e identidades culturais: o ensino de arte e as tecnologias contemporâneas**. In: 20º Encontro Nacional da ANPAP: Subjetividade, Utopias e Fabulações, 2011, Rio de Janeiro. Anais do ... Encontro Nacional da ANPAP [Cd-Rom]. Rio de Janeiro: ANPAP, 2011. v.1.

QUEM tem medo de Arte Contemporânea? Direção: Isabela Cribari e Cecília Araújo. Produção: Cristian Jerônimo e Leonardo Asfora. Roteiro: Isabela Cribari. Realização: Fundação Joaquim Nabuco e Massangana Multimídia Produções, 2008. (28 min.), son., color., Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bd0thFyWLRg>> Acesso em: 24 nov 2021.

RIZZI, Maria Christina de Souza Lima. Reflexões sobre a Abordagem Triangular do ensino da arte. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Ensino da arte memória e história**. São Paulo: Perspectiva, 2008. p. 336-348.

SANTOS, Wanderley Alves dos. Ensino de Arte na modalidade a Distância: uma proposta e desafios com as tecnologias contemporâneas

